

9.º ESTOURO

PORTO—Sábado, 15 de Junho de 1912

PREÇO—2 CENTAVOS

Cristiano de Carvalho (art.)

a Bomba

Dirigem a manipulação

Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas—Laurindo Mendes.

Sede do Laboratório—Rua d'Alegria, 218.

Marca da fábrica—(vulgó editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraço de Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27.

Bailado político



—Mais cuidado com os *andamentos*, meninos: Já me vou sentindo fatigada!...

A Bomba

A crise destas duas semanas é ainda o acontecimento mais próprio a largas considerações, tendentes a bem demonstrarem como a nossa política ou precisa dum altíssimo saneamento que a transforme por completo, ou caminhará cada vez com mais pressa para uma dissolução de tal ordem irremediável que nada depois será capaz de a endireitar.

Não queremos já falar no character desnacionalizante que quasi toda a obra da República tem tomado, nos seus mínimos aspectos. Isso depende exclusivamente dos homens dos governos e, por enquanto, não temos esperanças algumas de que eles se sintam renovados por um sentimento verdadeiramente português e altamente propugnador da fisionomia própria da nacionalidade.

Não queremos também, neste momento, referir-nos ás divergências de ideias que possa haver entre os chamados chefes políticos. Num regimen qualquer, avançado ou retrógrado, neste ou naquele país, é sempre inevitável que uns queiram andar com mais velocidade que outros, que, por condições de temperamento, de educação ou convicção, se seja transigente ou intransigente de maneira diversa.

O ponto a frisar, na hora corrente, é essencialmente o que diz respeito ao cúmulo de ambições, de rixas pessoais, de pequenos ódios e pequenos rancores que se têm posto em jogo para dificultarem a organização de gabinetes que não satisfaçam por completo os interesses deste ou daquele.

Numa ocasião de socego nacional, em que as relações internacionais estejam firmes e as finanças seguras, compreende-se, até certo ponto, que um chefe mais caturra meta o nariz para um lado e o não desvie por princípio nenhum. Póde ser apoiado de teimoso, de autoritário, de inconciliador—mas a birra não toma feição de anti-patriotismo.

Numa situação, porém, como a que vamos atravessando, com conspiradores na fronteira, nas cadeias e á solta por esse país, com a Espanha a odiar-nos cordalmente, com um deficit enor-

me, com um certo pânico no comércio e indústria, que precisavam de desenvolver-se duas ou tres vezes mais que o estão fazendo, as atitudes dos chefes políticos que se têm oposto á rápida solução da crise—só de criminosas para cima podem denominar-se.

Em tempos monárquicos, se tal acontecera, já dúzias de comícios teriam feito ecoar por Portugal inteiro os protestos dos verdadeiros patriotas. Hoje, esses patriotas, guindados á supremacia do mando, são os primeiros a não se recordarem de que se a República é amada pela maioria do povo instruído do país, isso não basta para que ela se consolide e torne invulnerável. Continuem os senhores magnates a dar-lhe os repêlões que lhe andam dando e verão como ela se esboroa e cai.

Que passos, no entanto, se vêem dar para que tal estado de coisas se modifique?

Vimos ha dois dias que, ao fim de muitas conferências, se resolvera constituir um ministério de concentração, de perfeita defesa republicana. Mas logo se deu também a saber ao público que esse gabinete era talvez formado por vultos apagados da política, indivíduos que muita gente indagava quem fossem e mesmo se republicanos seriam.

Chama-se a isso encontrar a verdadeira resolução?

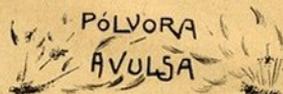
Um ministério constituído dessa maneira tinha viabilidade num regimen que não fosse parlamentar como o nosso e num país que não possuísse como o nosso em tão alto grau a pecha dos grupos disciplinados até á escravidão e resignada subserviência ás ordens dos chefes. Assim—, como ha de resistir, se lhe dá para praticar qualquer acto que não agrade a outro grupo ou ao chefe do seu?—Rompe o fogo, os attingidos amuam e com o maximo despalante abrem crises.

Tem sido essa a sorte de todos os ministérios, que se seguiram ao Governo Provisório e esse será mais uma vez o destino do que se formar em condições idénticas.

Não o vêem os chefes? Andam nesta embrulhada toda apenas para conseguirem formar grandes partidos que depois se possam combater com denodo e sem receio de crises tão frequentes?

A opinião pública tem de apreciar os homens públicos

pelos seus actos e não pelas suas intenções. É possível que as intenções dos políticos que ora têm eriado dificuldades de toda a ordem sejam as melhores e as mais proveitosas. É possível que, no íntimo, eles andem de admirável boa-fé. A verdade, porém, nua, ensangüentada e crúa é que os actos são muito maus e as consequências piores. E não é, certamente, com semelhantes processos que Portugal consegue rejuvenescer-se. De quaisquer intenções só é bom o que póde effectivar-se.



Desapontamento

Esbafido, os olhos a sairem das órbitas, cabelos em pé, gravata desfeita, colete desabotoado, as botas por fora das calças, chega-me o Pantaleão, quasi sem poder pronunciar uma palavra:

—Uma vergonha! Espantoso!

—Homem, que é isso? Senta-te. Queres um pouco de água? Que chame um médico? Falta de ar? Que diabo é isso?

Pantaleão começa a respirar melhor. Senta-se, limpa as camarinhas de suor que lhe escorriam até aos joelhos e vai dizendo:

—Isto é uma vergonha! As mulheres do Porto estão verdadeiramente impossíveis! Não, isto não pode continuar assim!

—Mas que foi, homem! Desabafa. Pisaram-te os calos, riram-se de ti ou não te aceitaram alguma carta? Dize e depressa, que temo uma paralisia de coração, tal a anciedade em que me puzeste.

—Nada disso. Muito pior, imensamente pior. Imagina que eu tinha acabado de almoçar, saíra bem disposto e com uma infinita dose de ternura. Encontrei um coxo. Consolei-o, porque mancando duma só perna podia mancar das duas. Encontrei uma costureira toda cheia de sardas. Aconselhei-a a resignar-se porque haviam de passar. Encontrei um guarda municipal triste. Dei-lhe ânimo, que tivesse confiança no futuro, e alegrou-se. Encontrei uma rapariguita vesga. Fiz-lhe festas e convenci-a de que havia de mudar. A um garotito descalço prometi umas

botas. A uma carrejona rota ofereci-lhe uma blusa. Beijei um cãsoito do estabelecimento onde entrei, afaguei o gato e á porta convenci um boieiro a não bater nos bois. Nesta disposição ia dizendo ternos madrigais para um lado e para outro, com um carinho e meiguice inultrapassáveis. Eis, porém, que ao dobrar duma esquina me esbarro com quatro damas da alta. Esbóço um sorriso de galanteria. Começam a sorrir-se, mas em círculo. E quando lhes pretendo ver os olhos eu vejo só umas grandes esferas, muito arrepanhadas, muito polidas, a rola-rem á minha volta. Pela frente nem tenho tempo de ver. Do outro lado, do outro é que é de espantar. E o sorriso delas anda em espirais até travá-las de todo. Estupefacto, quis pedir explicações. Não houve meio. Para qualquer lado que me voltasse eu via-lhes sempre o verso descomunamente rotundo. Barafustei, provoquei ajuntamento, mas tive de fugir. Ainda havia quem as defendesse!... E lá se me foi toda a ternura, todo o entusiasmo. Nunca me deu para aqueles manjares!...

—E' a moda, que lhe queres?
—Mas que ideiairão agora dos apetites dos homens?

—Inteiramente, não o sei. Mas olha que elas só costumam requintar aquilo de que se servem...

—Uma vergonha! Espantoso!

DE RIBEIRA

Um petimetre russo e versejador achou a brilhantíssima festa a Camões—*menos má*. O pobresito não compreendeu que aquilo era só para gente...

—No mesmo dia, porém, o espirro de poetastro manchava a memória de Camões e o papel em que as desovou com rimas absolutamente horríveis. A inconsciência muito atrevida é nos seus vis passos!

—Mais anda o insignificante kangurú tentando belisca «A Renascença». Ha quem diga que é só com o desejo de que lhe façam crescer as orelhas. Verá-se-ha!...

—Que no *Janeiro* também houve um *espírito santo de orelha* que deu á inauguração da Uni-

Carta dum conspirador

a um talassa da Rua dos Clérigos

Orense, 7 de julho

Amigo:

Não te tenho escrito ha mais tempo, porque as coisas não correm bem e nós vemo-nos de dia para dia com mais dificuldades e mais fome. De vez em quando chega uma ordem para a gente ir reunir e fazer exercícos, mas não nos dão armas nem aparece nenhum dos chefes, que só sabemos andarem de terra em terra em bons automóveis e por melhores hotéis. Dizem-nos sempre que se está á espera do resultado dumas negociações, que as armas vêm depois e que o Paiva Couceiro aparece qualquer dia a fazer-nos um sermão. O Homem Cristo esteve cá na semana passada e houve uma reunião em que ele falou. Disse que era preciso aniquilar duma vez para sempre esses malditos republicanos que andam a matar Portugal, e que são todos uns canalhas, uns bandidos, uns pulhas. Prégou o odio a todos e aconselhou-nos em último caso a atacá-los á dentada, a couce, de todas as maneiras, deitando depois água á jarra para lavar os destroços. Eu perguntei-lhe se ele também vinha e ele fez que não ouviu. São todos assim, os chefes da coluna. O João de Almeida também ha muito que não o vemos. Dizem que ficou danadíssimo por ter sido intrujado pelo Magro e que não quer tornar a aparecer. O Braz é que se mostra mais, mas sempre bem comido e bem dormido. Arranjou duas amantes que se esbofetearam ha dias e o que quer é dinheiro para gozar com elas. Nós, vemo-nos obrigados a pregar calote em toda a parte e a roubarmos mulheres casadas e raparigas solteiras. Mas isto não pode durar muito. Esta gente cança-se de nos aturar e ha por aqui uns republicanos e socialistas que sabem tudo quanto nós fa-

zemos. Ontem garantiam os meus companheiros que iamos marchar para Salvatierra e entrar por Monção, mas ninguém nos dizia onde se davam armas ou se iriam buscar. Diziam uns que perto de Nieves o conde de Azevedo tinha muito armamento escondido. Não soube mais nada nem me tornaram a chamar, nem aos soldados que eu comando e que já amaldiçoam o momento em que se meteram nisto. A gente o que queria era resolver esta coisa. Temos quasi a certeza de que nada podemos fazer, mas era melhor não estarmos assim parados, que até é uma vergonha. Logo chegam mais dos que andam agora a recrutar no Minho. Mas, desgraçados deles, que não sabem no que se metem. Eu, como quasi todos os outros, tanto nos importamos com a República como com a Monarquia. Pagam-nos, pouco que seja, para isto e sempre é um modo de vida ou de morte. Também andam a dizer que o governo espanhol nos vai fazer sair por causa dumas reclamações da Inglaterra. Seria bem bom, porque ao menos para um outro lado acabávamos com esta comédia. Mas, o governo espanhol não se importa. Ainda ha dois dias o Braz disse que por esse lado podíamos estar descansados. Podíamos estar em Espanha o tempo que quizessemos. O Paiva Couceiro vai todas as semanas a Madrid conferenciar com o Canalejas e eles entendem-se muito bem. Não sei, pois, se te tornareei a ver, se será cedo ou tarde. Continua a escrever para onde sabes e mostra esta minha carta á Tereza. Ela que se não apoquete. Ha de ser o que Deus quizer.

Recebe um abraço do teu muito amigo

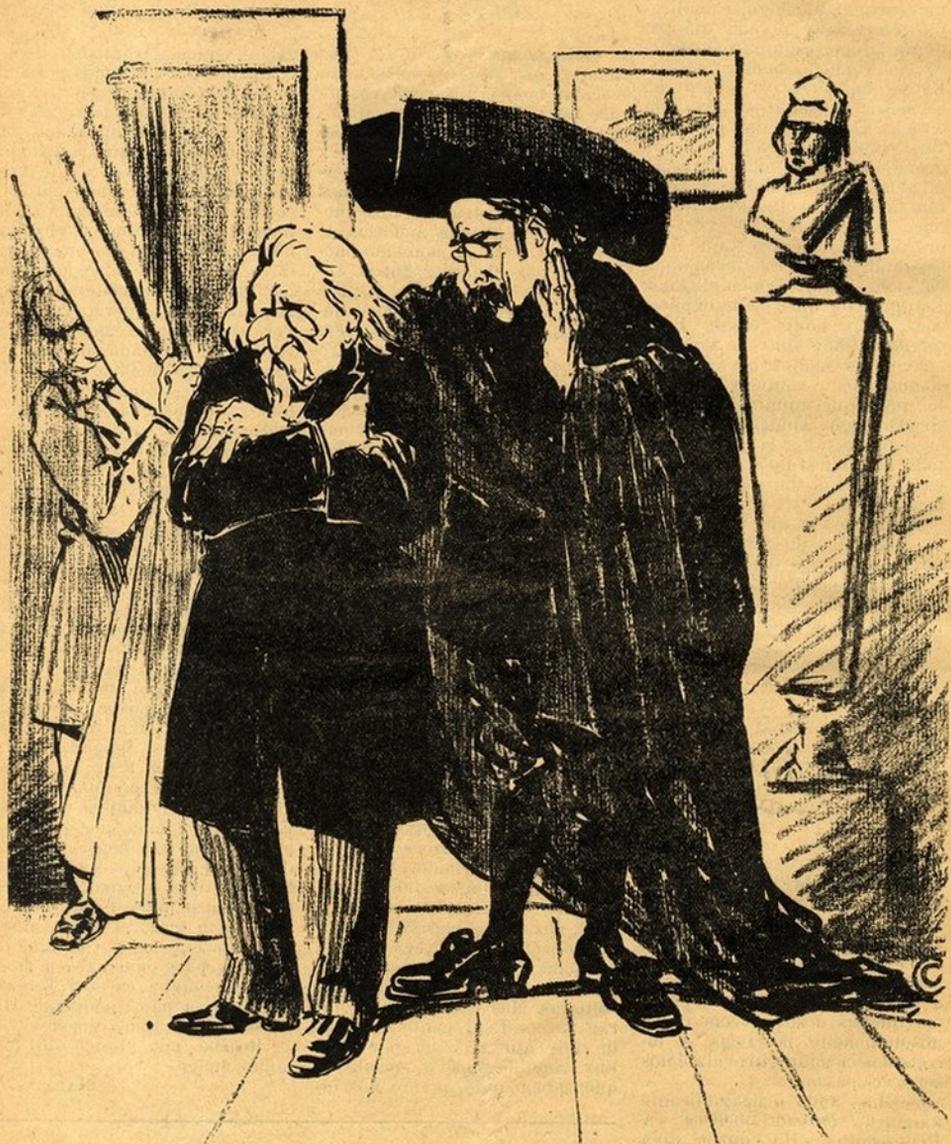
MARTINS.

versidade Popular tanta importância como a uma facada na Ribeira. Descuidos, ou antes culpa dos organizadores da sessão que não esperaram até ás tres horas pelos senhores *pilhas* que

foram encarregados dum serviço marcado para as 12...

—Mas, não tem dúvida. Quem melhor as tiver, melhor as jogará. Atraz de tempos, outros chegam.

Dom Bazílio



—Deixa-os falar, velhote: da calúnia, da intriga, do enredo...
e do resto, alguma coisa fica!

Universidade Popular do Porto e Homenagem a Camões

Colocaram bem alto a «Renascença Portuguesa» as duas sessões, inaugural uma da Universidade Popular, comemorativa outra do falecimento de Camões.

Na primeira, presidida pelo ilustre presidente da Câmara, sr. Xavier Esteves que disse palavras de sincero incitamento, o extraordinário orador que é Leonardo Coimbra fez uma conferência notável em qualquer meio autenticamente científico e Jaime Cortesão um discurso brilhante.

Na segunda, presidida pelo maior dos nossos poetas, Teixeira de Pascoaes, que tão belas palavras pronunciou, fez Jaime Cortesão um discurso cheio de admiráveis maravilhas e Leonardo Coimbra foi entusiasticamente eloquente. António de Souza esteve duma sobriedade inteligente e Augusto Casimiro e Afonso Duarte disseram versos a primor. Por sua vez, o Orfeon Académico, devido ao esforço nobilitante de Fernando Moutinho e Mário Pacheco, calorosas ovações arrancou dos cultos ouvintes.

Feliz «Renascença» que assim se mostra e bem dita Associação dos Estudantes que tão bem se encaminhou para dar ao Porto uma das mais encantadoras festas que ele últimamente terá visto!



Entre duas notícias de relatórios, referia-se ha dias uma gazeta do Porto ao «Regresso ao Paraíso» de Teixeira de Pascoaes. A uns não fadou o destino com fala humana; a outros privou-os do sentimento das propoções. Fatalidades da natura!

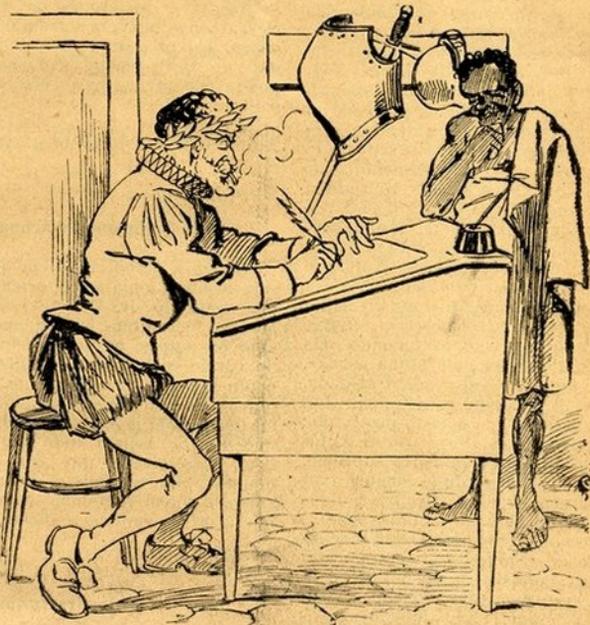
— A Liga parece que rompeu. Seria o elástico de má qualidade? Aquele sr. Silva Cunha em tudo ha de fazer negócio.

— No Jardim Passos Manuel, ha dois dias, um janota perguntava a outro, depois de ouvir um pedaço do «Navio Fantasma»:— Este Wagner era espanhol?— Porquê?— Fazia tanto barulho...

— Os alunos de Belas Artes sempre venceram. O concurso-burla foi anulado e outro se vai realizar. Ainda terá o sr. Marques da Silva deslante para de novo procurar arremeter?

Uma carta de Camões

À ACADEMIA DO PORTO



(A propósito da homenagem de 10 do corrente).

Meus queridos amigos—Eu não pude, por motivos de doença, comparecer na vossa festa de 10 do corrente, para, simultaneamente, vos agradecer e censurar. Agradecer, pelas boas intenções que mostrastes solemnizando de fórma tão elevada a data mais discutida da minha vida. Censurar, pelo deplorável esquecimento de não consagrar em primeiro plano um escritor de nome José Agostinho que, foi quem, pela arreata do sr. Figueirinhas, escreveu essa pepineira dos *Luziadas*. A mocidade deve ser sempre generosa, nunca se deixando roer pela inveja ou pela maladiçençia. Eu sei que ha creaturas de má boca que não apreciam pelo seu justo valor os versos de 30 sflabas do sr. Agostinho, e que dizem mal da sua proverbial charlatanice em tudo o que diga respeito a literatura e a jornalismo. Mas tudo isso são intrigas, meus queridos amigos. Por-

que, sêde generosos, que mais querieis dum pobre desgraçado a quem o editor amarrasse a uma mangedoura, lhe deitasse meia duzia de feixes de feno e lhe impuzesse um cento de poemas, um quarteirão de obras biográficas, uma filosofia sem Deus e um milhão de artigos de fundo? Não, meus amigos, o sr. Agostinho só tem dificuldade em roer o feno. Acostumára-se á palha e a mudança de alimentação é que lhe perturbou o estómago e portanto a pena. Fazei um aditamento á vossa festa. Tirai o meu nome e ponde só o dele. Apenas vos peço que para a liturgia ser completa deve a nova consagração realizar-se numa cocheira do Zé Galiza. Ele não estará contrafeito. E pedi-lhe, em meu nome, que me deixe dormir descançado.

Vosso muito grato

L. DE CAMÕES.

Postais políticos Boletim político

Amigo Jerónimo

Lisboa, 12—Tem lá cuidado com a torneira das perguntas. O teu último bilhete não parece um postal, mas um relatório. O sr. Falcão toda a gente o tosa, mas ele não se importa. A tarde lá anda passeando pela Avenida e inda é ministro. O sr. Alfredo de Magalhães já se maçou dos pretos. Também aquele cheiro a catínga não deve ser muito agradável, principalmente nas pretas. Os grevistas continuam na mesma. A Câmara tem-se visto em palpos. O sr. Teófilo continua a escrever, enquanto tiver de dizer mal do Antero e do Junqueiro. O sr. Teixeira de Sousa não quer outro modo de vida que o de escrever livros. Anuncia-se outro chamado «Os efeitos duma bala numa perna». A água do Tejo inda é salgada. O dr. Afonso Costa não foi, mas inda ha de ser preso, por conspirador. Deixa que o António José vá a ministro supremo. O dr. Bernardino sempre vai para o Brasil e chegará são, inda que peze ao facinora mental de nome Camacho. O sr. Machado dos Santos volta a ter medo das bombas. O José Coelho já se esqueceu disso. Tempos, tempos houve. O Faustino não aprendeu tal a ler. Arriaga também não acredita que entre águias e cegonhas haja diferença muito palpável. Diz que tudo é uma questão de evolução. O congresso não fecha mais, sob pena de morrerem envenenados de superabundância verborreica quasi todos os seus membros. E, finalmente, uf! que acabam as perguntas, é falso haver quem acredite na condenação do Paiva Couceiro. Seria um escândalo de abalar a península e continentes adjacentes. E sabes que mais? bichas, tres dúzias.

AMBRÓSIO.



9 de junho

Idem

Atenta a dominguês do dia, os trabalhos também sofrem descanço. Talvez o dr. Duarte Leite que de tarde chega a Lisboa, possa encontrar maré de boa solução.

O Camacho afia os dentes; António José aguça as garras.

10 de junho

Um ponto acima

Chega a acreditar-se em que seja aceite a opinião autorizada e sensata do dr. Duarte Leite. Mas só acreditam os ingénuos, que os outros, os politiqueiros, de rótulo camacheiro, unionista, evolucionista, arranjista, etc., e outras coisas mais terminadas em ista, vêm logo que isso lhes não serve. Acham tudo muito bem, mas eles é que hão de mandar. Guerra, pois, e guerra surda a quem pretenda solucionar a crise segundo a razão.

11 de junho

Primeira forma

Não podendo chegar a um acôrdo com os chefes parlamentares e não querendo estes dar o governo a quem de direito devia pertencer, o dr. Duarte Leite cumprimenta-os e despede-se. Volta-se a falar em ministério presidido pela sr.^a D. Augusta de Vasconcelos, dizendo-se também que o sr. Silvestre Falcão não sai. Ha quem lembre o Venceslau... E ha supremos imbecis da *supra-intelectual* Lisboa que se dão á estúpida tarefa de inventarem os mais idiotas gabinetes. Esses patetas hão de lembrar sempre a pequenês de alma que os não deixa subir mais alto.

12 de junho

Cresce o disparate

Sublime o desporte de magiar fantásticos ministérios. Corre que seja presidente o conde de Samodães com os seguintes cooperadores:

Interior—Bispo de Beja.
Justiça—Pinheiro Torres.
Guerra—Padre Matos.

Marinha—João de Menezes.
Fomento—Francisco Cortez.
Colónias—José Novaes.
Estrangeiros—Luiz de Magalhães.
Finanças—Espregueira.
O sr. Silvestre mete empenhos.

13 de junho

Uma pequena espera

O boato agora é de que se vai esperar pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães para ele organizar ministério. O ex-governador de Moçambique deve estar a embarcar por estes dois meses e como não ha pressa o melhor é deixar que ele chegue. Não ha dúvida, tres ou quatro meses sem ministério, nesta época de rosas para Portugal, não é nada perigoso para... os couceiristas. Continuem snrs. politiqueiros duma figa.

Madrugada prometedora

A pressão diminui e já se divisam alvôres de conciliação. Entra um pouco na consciência dos ambiciosos a verdadeira noção do momento e parece que alguma coisa se fará. É certo que logo surgem boatos de ministérios de nomes nada representativos da política portuguesa, mas talvez seja tudo inépcia dos alviçareiros. Porque, para continuarem o jogo das escondidas, pondo no ministério apenas manequins, melhor fôra que continuassem na birra aberta.

Fala-se no dr. Duarte Leite para a presidência e interior. Não precisamos de viver muito para vermos.

14 de junho

Será desta?

O sr. dr. Duarte Leite é levado a Lisboa para presidir e interiorar. Dar-lhe hão, porém, boas escoras, ou deixá-lo hão a flutuar no pântano da intriga-lha e da mexeriqueice?

Os chefes o mostrarão?



Estilhaços

A prorrogação

O inquérito que no estouro passado prometemos deu já o seguinte resultado:

Era preferível que as câmaras fechassem já, a vêr se me doía menos a cabeça—*Arriaga*.

Não podem fechar enquanto eu e os meus amigos não fizermos mais duzentos notabilísimos e eloquentísimos discursos—*António José d'Almeida*.

Inda não esvaziei sequer metade da minha boceta asneiral—*Colérico Gil*.

Tambem eu preciso de fazer muito mais barulho sobre o código-mistificação—*Jacinto Nunes*.

Andai sempre, para que o país vos conheça—*Afonso Costa*.

Voto pelo adiamento para me fazer mais depressa ditador—*Capitão Camacho*.

Sempre era uma economiazinha—*Zé Povo*.

E aplicaríamos o tempo em qualquer coisa mais útil—*Jornalista*.

Discordo. Prefiro as sessões da Câmara ás revistas que por aí ha e que não têm espirito nenhum—*Habitual das galerias*.

Tambem servem para, de vez em quando, desenferrujar os músculos e dar umas bengaladasitas—*Ribeira Brava*.

De resto, os cem milreiros...—*José Coelho*.

Consultámos a Companhia Carris. Declarou-se coacta na ocasião. A greve trá-la de má catadura e má sorte. No entanto, diz ela, que continuem as Câmaras.—Sempre havemos de fazer mais uns carretos.



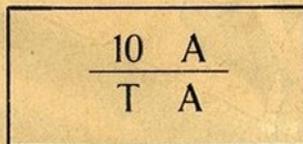
Charadas sexuais

Ele sentimento e ela fructo-2-3

Charadas em frase

A mulher e o sal de chumbo vão destrinçar-2-3

Enigma tipográfico



Charadas aumentativas

Devoto-2 jogo-2

TRIC-TRAC.

Charadas adicionadas

Diabo-2
-ci-
Dinheiro-3

Combinadas

1.º + ira — Instrumento
2.º + Ina — Planta
3.º + á — Appellido
4.º + la — Palmeira
Moeda

Logogrifos rápidos

1-2-3 4-5-6-7
Deus ave
Embarcação

Maçada geográfica

Formar o nome duma terra portuguesa com as seguintes palavras:

R. ALDA ALVES

JOPEIAS.

Decifrações do n.º 8

Charadas aumentativas: cama, ca-mão; ganho ganhão.—Charadas adicionadas: salinha; recato.—Charadas Sexuaes: pasto, pasta; oco oca.—Charadas em frase: borrasca, paixão.—Charadas Combinadas: Alijó.—Enigma tipográfico: Desastres.—Maçada geográfica: Santa Marta de Penaguão.

Rastilho dos Teatros

Sá da Bandeira—Cine por fóra e por dentro. A coisa rende e é preciso não perder a maré. Os pescadores de águas turbas inda são os mais felizes.

Carlos Alberto—Continua no felizo gesto de se conservar fechado este barracão. O silencio é eloquentíssimo.

Águia de Ouro—Cine e mais cine. Vai-se adoptar definitivamente essa espécie de espectáculos para esta casa. Nada tem sido mais próspero.

Circo de Variedades—Nesta lufa constante de coisas inesperadas e estravagantes, pergunta-se a cada passo: Que ha de novo? E, num ataque de burrice, ha quem vá ao Circo. Aquilo é de arrazar. Prosa de taverna imunda com donos, frequentadores, moveis, e o resto atacados de cólera, verso sem pés nem patas, música a dormir dum olho e vesga do outro, que diabo de miscelânea, de pachochada, de disparates, de indecências! Não ha por aí uma vassoura que varra aquela vergonha? Já não ha delegados de saúde nesse Pôrto?

Jardim Passos Manuel—As gentises orquestrantes, já requisitadas por 785 *leões* portuenses, estiveram para ir, mas inda ficaram mais uma semana. O jogo não é mal engendrado. Em pequenas doses toda a gente toma, até os piores venenos.

Olímpia—Ó luz que já foste, ó luz que já não és, porque é que te apagas da cabeça até aos pés? E gastou-se tanto tempo e tanto dinheiro para construir aquele barraco!

Ultimas notícias

O ministério

Lisboa, 15 de madrugada

Redacção Bomba—Porto. Ministério jámais. Presidente coacto. Fandango não ter fim. Urge bombar com força—*Dinamite*.

NA FRONTEIRA

(A vigilância do Sr. Canalejas)



A sentinela, vendo a *guardia civil*—Hein! Por causa das dúvidas, vigio uns e outros: vigiados e vigilantes!...